

Da Estrada Vermelha

de Inez Andrade Paes por Xosé Lois García

<http://www.galiciahoje.com/vivir-hoje-galicia/gh/da-estrada-vermelha-xose-lois-garcia/idEdicion-2015-02-23/idNoticia-917744/>

* * * * *

Da Estrada Vermelha

de Inez Andrade Paes

Inez é a herdeira literária de sua saudosa mãe, Glória de Sant'Anna. A sua poesia revela a longa convivência entre as duas poetisas e a particular atenção à natureza mais primitiva. Ler a poesia de Inez Andrade Paes é abrir mais os olhos e interiorizar o belo que se esconde entre os ramos de uma árvore onde mora o nosso sonho. Espero, com ânsia o novo livro. Tenho nas mãos o "Da Estrada Vermelha" onde o que digo se concretiza: "chamo-lhes com nomes a todas as palavras/leves, aromáticas, mesmo que maceradas/ a deitar líquido fermente/ de fermentação." (in Da Estrada Vermelha, pág. 48)

FERNANDA ANGIUS

* * * * *

DA ESTRADA VERMELHA

de Inez Andrade Paes

Poemas nítidos. São aqueles nos quais o leitor julga perceber tudo o que o poeta pretendeu dizer. Poemas difusos são aqueles cujas pistas de interpretação se parecem alargar como as ondas concêntricas dum lago no qual acabamos de lançar uma pedra. Dos poemas constantes do livro "Da Estrada Vermelha" uns são nítidos e outros difusos.

O primeiro poema do livro lembra-nos que o silêncio, tal como a inspiração, é essencial para a criação poética: "Preciso do silêncio da manhã / silêncio cristalino lavado pela cacimba da

noite” para aceder aos espaços sem fronteiras da imaginação. “gosto da vida na inquietude de mim / quando me preparo para sair do que é lógico”(p.5). Mas logo na página seguinte se transita duma forma abrupta para uma escrita difusa: “não sou poeta / meu corpo convém-te / para a tua verdade absoluta”(p.6). E uma pergunta flui naturalmente: - Que verdade, ou verdades absolutas, se podem decifrar num corpo feminino?

Nítidos são também os textos em que as artes de desenho e de pintura, às quais Inez não é alheia, se reflectem no seu carácter descritivo: “na eira / o gato / de barriga limpa para se manter quente / o cabo da vassoura entorta” (p.14), “ó gala gala! de gola / abre-te agora ao vento / repara / como teu brilho / se mistura com a rocha”(p.22). E uma ou outra das pulsações do quotidiano são apreendidas na rede da sua escrita: “seriamente / reparo na aflição do olhar dela com a sombrinha na mão / que ergue agora como bandeira / para passar o trânsito veloz com cavaleiros defesos / de olhar feroz”, “ como poderá hoje uma mulher do campo atravessar a estrada / de sombrinha na mão num dia de chuva?”(p.32).

A imagem da capa do livro justifica sem deixar margem para dúvidas a propriedade do respectivo título. Imagem essa que volta a ocupar a nossa mente ao lermos alguns versos, “ meu olhar parou / nos meninos / que brincavam na estrada vermelha / Ingonane / Ingonane”, “que guardas tu ainda? (p.7). E a resposta a essa pergunta encontramos-la num outro poema que nos elucida que essa visão duma infância despreocupada e feliz caminha paralela a uma outra que geme sob o peso do infortúnio: “ a criança cava a terra vermelha / o cabo da enxada sobra / a passar-lhe nas costas como haste / apontada ao céu / quem te obriga meu menino / quem te obriga e passa por ti sem te ver / quem te obriga” (p.47)

“Mínimo sou / mas quando ao Nada empresto / a minha elementar realidade / o Nada é só o resto”. São quatro versos de Reinaldo Ferreira em que a língua portuguesa se imobilizou definitivamente numa gravidade de pedra indestrutível. Do eu nascem todas as cousas. Ou, duma forma mais objectiva, o eu tende a sobrepor-se à realidade das cousas. Daí que, o ego da Inez, naturalmente proceda à ocupação de alguns dos seus poemas. Mas o acto de se estabelecer num poema tanto pode decorrer sob o signo da harmonia como do conflito. A paz infinita sómente pode ser encontrada nos territórios ilimitados do sonho: “morri no mar / no mar alto e fundo de vagas grandes / elevaram-me ao céu / entre pássaros e chuva / durmo agora entre montanhas brancas / a preparar o azul / para descer de novo / desta vez como pássaro branco / que pousará nos campos largos / e olhará discretamente o horizonte”(p.34). A paz quotidiana consiste simplesmente em deixarmo-nos estar sem pensar: “sempre que sopra a ventoinha / do lado de cá / o cabelo colado à testa e à fonte / escorre em suor / liso preciso / na queda até ao peito / que se desnuda / sempre vento / do lado de cá / sopra sopra / e ajuda / a compor o cabelo atrás das costas” (p.28). O conflito nasce do desencontro com a nossa própria imagem: “acordo cedo da manhã / no espelho acho-me espantada / com o cabelo tombado / mais para um dos lados”, “vejo-me / desfocada despenteada desarrumada / e com a escrita da noite toda espalhada” (p.13).

O único poema efectivamente datado do livro tem a solenidade hirta dum requiem, e reabre o eterno processo das aves de mau agouro: “o corvo passa em silêncio / inclina-se o olhar a mim”, “as novas que me traz são aquelas / no Índico jaz Benedito / o silêncio comigo fica” (p.11).

Fazer uma poesia dum tema não necessariamente poético. Na linha de cruzamento entre a medicina e o peso da condição humana. É uma das ousadias de Inez: “furam-me o ventre sem fim aparente / com agulhas de cobre a deixar verdete” (p.16) “de ferida aberta / sem ligadura / porque de meu ventre coalhado / o espesso sangue não serviu interesse / deixam-me enfim / com esta ferida aberta” (p.17).

Inez Andrade Paes. Uma poetisa capaz de se aperceber da espessura espiritual da natureza: “Miti / que alta és Miti / só te vejo o tronco e o cabelo? / onde o guardas Miti / (Miti responde altivamente escondida) / - dentro da névoa aqui o lavo / aparecerei mais tarde a fazer sombra” (p.44). Alguém que escreve poemas onde o frio e a solidão andam de mãos dadas: “ ando de braço dado com a solidão / ligeira e acordada / na penumbra do dia que quase se acaba” (p.26) “solidão / chamo-te aqui / perfeitamente lúcida / da imensidão de que me apoderas / só de braço dado / só com a solidão” (p.27) “que frio aqui anda / descalço e sem roupa / raspa-se em mim como água morta”(contracapa).

Uma exilada, prisioneira da sua cidadania africana: “África, África / das tuas mãos ásperas lê-se a verdade”(p.67)

JORGE VIEGAS

Glossário: Ingonane, nome de bairro na cidade de Pemba

Miti – árvore – da língua Kimwane – Moçambique

Gala gala – lagarto colorido que corre de corpo levantado